

***Cattleya labiata* Lindley, a rainha do Nordeste Brasileiro.**

Benedito Ângelo A. Lo Ré, Médico Tocoginecologista e Auditor.
Serra Negra, S.P. angelolore@uol.com.br

***Cattleya labiata* Lindley, the queen of brasilian northest.**

The *Cattleya labiata* flower morphology is presented and the colour pattern are analysed in this article aiming to establish rules for classification.

Resumo:

A morfologia da flor da *Cattleya labiata* é apresentada e a padronagem de colorido é explorada visando estabelecer regras para classificação.

Uma das orquídeas mais interessantes de se cultivar. A começar pela sua facilidade de cultivo e manejo, resistência às pragas e farto desenvolvimento em todo o território nacional.

Ocorrem na grande maioria no Nordeste brasileiro em altitudes que variam de 500 a 100 metros, vicejando nas zonas da mata, do agreste e do sertão.

É uma planta rústica, de porte médio, sendo que no Pernambuco são menores e mais robustas. Predominantemente epífita.

Em geral é uma planta de uns 30 cm, com pseudobulbos em forma de clava, grossos e sulcados. Dos pseudobulbos geralmente emergem uma única folha, grande, oblonga e de textura muito firme. As flores são grandes e geralmente saem de espadas verdes ou secas, com florações em forma de bouquet.

Descrita em 1821 por John Lindley, porém já eram cultivadas na Inglaterra desde 1818 por Willian Cattley of Barnet, que conseguiu fazer uma planta florir.

Como na época da floração era outono na Inglaterra, foi designada de *Cattleya labiata autumnalis* em homenagem ao Sir. Cattley e por florir naquela época do ano.

O termo labiata deriva do imenso labelo, que quer dizer lábio.

QUALIDADES TÉCNICAS APRECIADAS

A) FORMA (CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS)

O que se busca numa boa *Cattleya labiata* nem sempre é a cor e sim a forma.

Pétalas largas e de preferência se entrecruzando sobre a sépala superior ou dorsal.

Sépala dorsal ativa, retilínea, alargada na sua base, para que juntamente com as pétalas, não se possa ver ao fundo.

As três sépalas devem obrigatoriamente formar entre si, um ângulo de 120 graus, formando um triângulo equilátero, com o labelo no centro.

O cone do labelo deve ser curvo, curto e grosso, como o bico da arara.

O conjunto de lobos ao qual denominamos de labelo deve formar um círculo. Em especial, os lobos superiores, estes devem se tocar e encobrir a coluna.

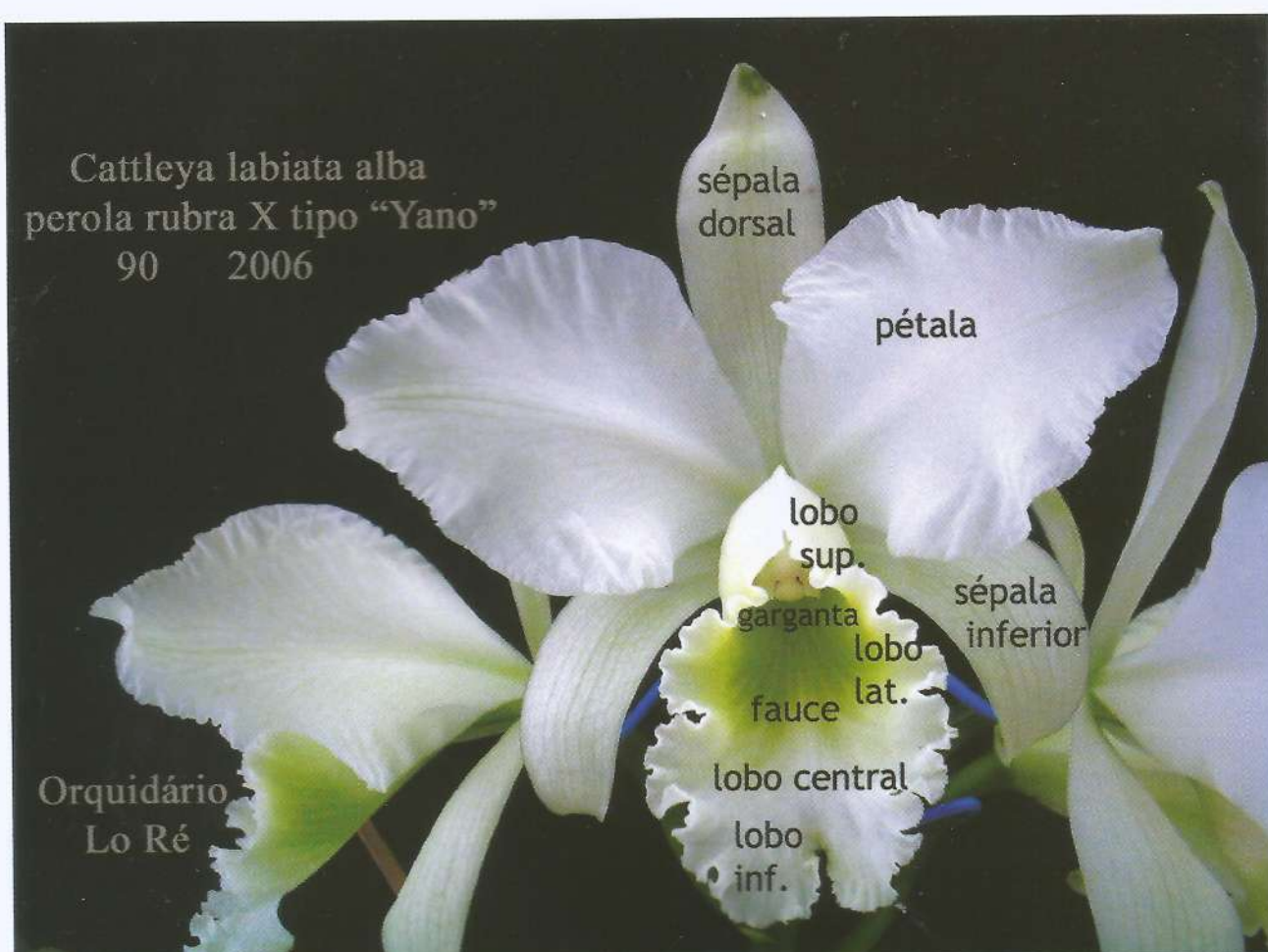


Figura 1: Morfologia da flor de *Cattleya*

B) COR (CARACTERÍSTICA CROMÁTICA DA FLOR)

As variantes encontradas de matiz são:

- I. “*Lilás*” - a flor lilás, em todas as suas nuances tais como a *Albo-oculata*, *Atropurpúreo*, *Atropurpúreo marginato* e a *Multiforme* apresentam-se como a primeira da lista das variedades.
- II. “*Alba*” - Para todo e qualquer efeito, todos os segmentos florais devem ser rigorosamente brancos, independente se a garganta (fauce) apresenta veia citrina ou áurea. É discutível a ocorrência da “*Alba-plena*”, onde até a garganta não teria as veias.
- III. “*Amesiana*” - flores quase brancas, marcadas por um leve sopro róseo. Às vezes tão imperceptível que não se mostra em foto. O labelo tem uma mancha muito tênue, de um róseo pálido, às vezes um sopro cárneo. A fauce pode ter veias citrinas ou áureas.
- IV. “*Amoena*” - seria uma semi *Alba*, não fosse o labelo ter um róseo muito claro. As pétalas e sépalas são brancas. Alguns colecionadores também a chamam de suave e outros de *Fowleyana*. Aqui há uma grande confusão nessa história. Para Lou Menezes *Amoena* é uma flor com pétalas e sépalas brancas com labelo cárneo, já para João Paulo Fontes, toda planta com pétalas e sépalas brancas com labelo colorido de qualquer cor, leva o nome de “*Semi-alba*”.
- V. “*Amethystina*” - as pétalas e sépalas são brancas ou podem apresentar um sopro extremamente tênue de rosa pálido. Marcante é a mancha longitudinal no labelo. Essa mancha tem uma característica em particular, a de apresentar dois veios purpúreos que sobem e adentram a fauce. Essa mancha tem colorido ametista.

- VI. “*Rubra*” - nesta variedade o labelo é totalmente preenchido de um purpúreo muito escuro, por isso denominado de rubro. Duas características marcantes neste caso, uma é que todo o labelo é rubro, inclusive a fauce e os lobos laterais. A segunda característica é que, e o demais segmento floral mantém uma tonalidade rubra, um pouco mais claro que o labelo, mas muito mais escuro que qualquer tipo, inclusive, em algumas rubras apresentam sopros de um púrpuro mais escuro nas bordas das pétalas.



Figura 2: *Cattleya labiata* 'Lo Ré rubra' um clone selecionado da autofecundação da *C. labiata* 'Schüller'

- VII. “*Caerulea*” - as pétalas e sépalas são geralmente brancas ou com leve matiz róseo. O labelo apresenta uma pintura roxo violeta, violeta, ardósia ou da cor da ametista.
- VIII. “*Caerulescens*” - o termo segundo o dicionário Aurélio, é uma inflexão do adjetivo em -ento, quer dizer uma tonalidade mais fraca, ou que não atinge a tonalidade total da cor. Se descrevêssemos na língua portuguesa teríamos uma terminação de “azul’ e outra de” azulado “. Por isso suas pétalas e sépalas se mantêm como na *Caerúlea*, mas o labelo tem uma tonalidade mais lilás-azulada, muito discreta”.
- IX. “*Concolor*” - todas as peças florais apresentam o mesmo tom. Independente desse tom, o importante é que não exista variação dentro da mesma planta. O labelo poderá ter no centro do disco frontal um colorido esbranquiçado. A fauce pode ou não acompanhar o tom de toda a planta, ou ainda pode acompanhar o amarelo citrino.

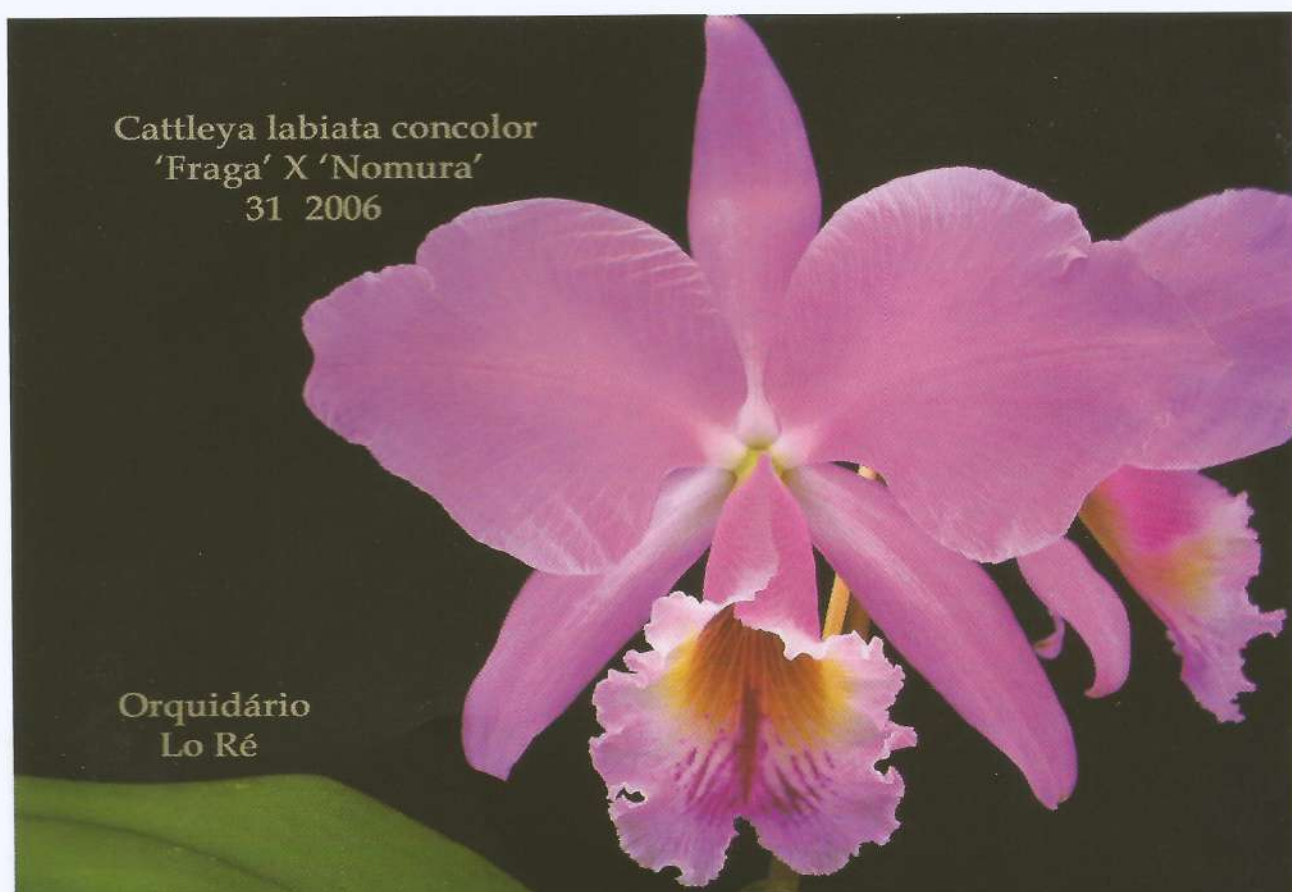


Figura 3: *C. labiata* 'Lo Ré Concolor' um clone selecionado do cruzamento de *C. labiata* 'Fraga' X 'Nomura'.

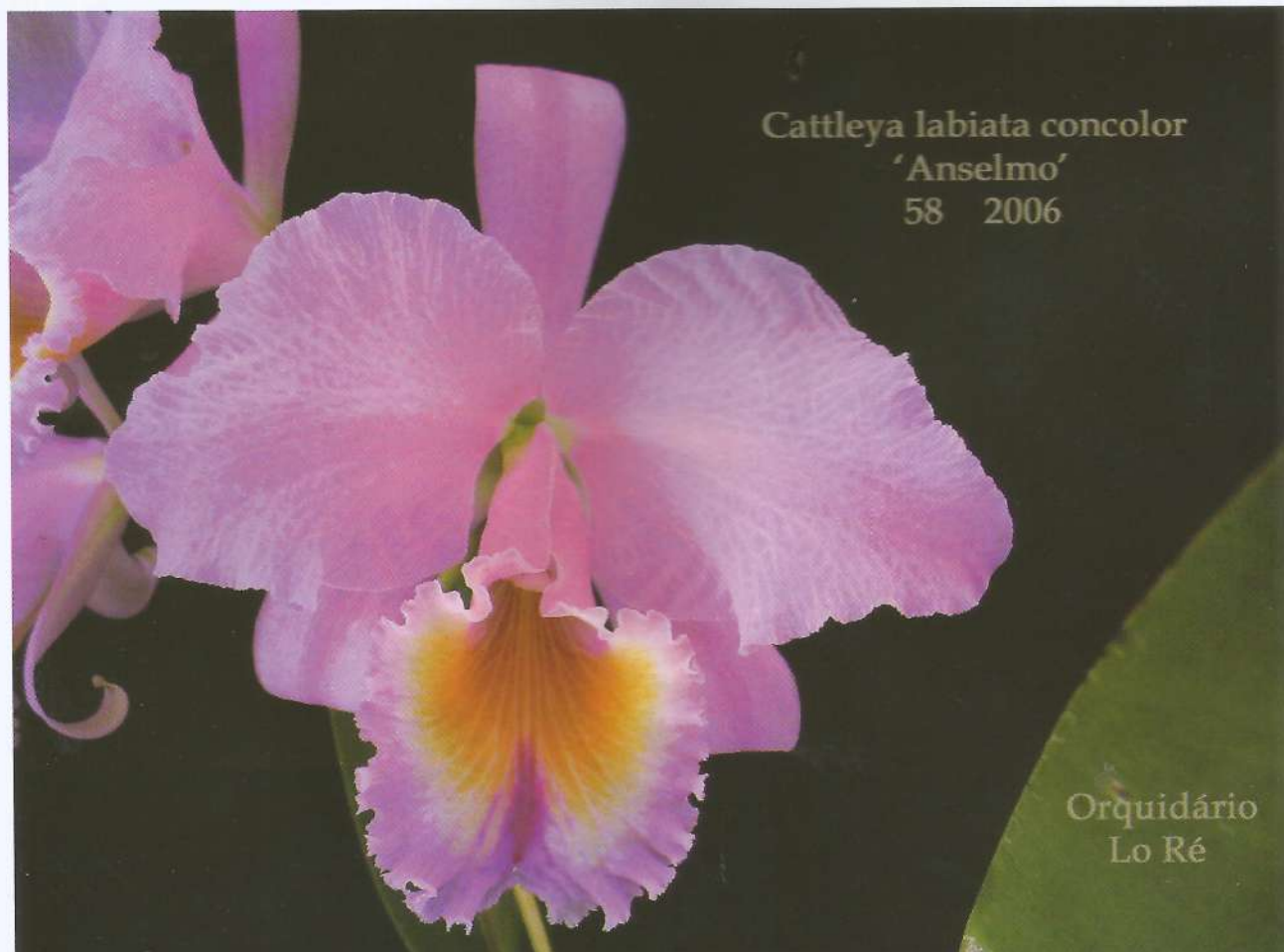


Figura 4: *Cattleya labiata* 'Anselmo' uma bela representante concolor da espécie.

- X. “*Rosada*” - Diferente da classificação “*lilás*”, onde as flores são quase todas uma variação do lilás, as “*Rosadas*” são flores que apresentam um matiz róseo mais ou menos intenso. Seu labelo tem mancha arredondada, ou um conjunto de estrias muito unidas no disco frontal, penetrando pela garganta. A fauce pode ter cores mais escuras. Do interior da garganta podem sair veias douradas que passeiam por cima da fauce.
- XI. “*Semi-alba*” - obrigatoriamente pétalas e sépalas brancas. Labelo apresentando um disco central purpúreo, cárneo ou solferino, denso, regular ou não, formado por uma mancha de cor ou estrias muito unidas. A fauce usualmente é da mesma cor que o disco central, trazendo veias douradas vindas do interior da garganta.



Figura 5: *Cattleya labiata* 'Lo Ré semi-alba'

- XII. “*Pérola*” - é a semi Alba, mas com um leve toque de rosa extremamente claro, quase imperceptível nas pétalas e sépalas. Isto empresta á flor um aspecto nacarado.
- XIII. “*Venosa*” - é uma flor de menor contraste visual que a variedade “*Rosada*”. Seu colorido é mais intenso que a variedade “*Rósea*” e o seu labelo mantém uma coloração mais parecida com o restante da flor, com veios longitudinais mais grossos e numerosos, subindo pela fauce e a esta lhe emprestando a cor. Alguns tímidos riscos de citrino aparecem descendo da garganta.
- XIV. “*Vinicolor*” - coloração bem específica, pouco difundida, apresentando mais adeptos no sul do país. Sua tonalidade de vinho “*Bordeaux*” toma toda a flor, mantendo o labelo mais escurecido, ou mais denso. Garganta com estrias douradas.

C) CARACTERÍSTICA CONFIGURACIONAL DO PADRÃO DO LABELO

Não é propriamente um termo classificatório, mas sim variações da disposição dos desenhos no labelo, de interesse puramente dos colecionadores. O posicionamento dos desenhos de um labelo pode variar e assim criar nomes, com o intuito de trazer diferenciação entre plantas completamente iguais aos olhos inexperientes. Devera ser colocado após a variação cromática e entre parênteses.

Pequenas diferenças que podem diferenciar uma cattleya labiata tipo atropurpúreo de uma Cattleya labiata tipo atropurpúreo (“marginato”).

- Anelato - forma um anel colorido na entrada do tubo do labelo. No caso de “Tipo”.
- Albo-oculata, “não se usaria, pois se somariam as descrições”.
- Estriato - estria escura longitudinal sobre o colorido do labelo
- Estriato-venoso - estrias longitudinais bem mais grossas e pronunciadas, chegando a se unir perto da fauce, e penetrando como uma só mancha pela garganta.
- Íntegro - quando a mancha cobre todo o labelo, inclusive através da fauce, penetrando na garganta.
- Lineato - ocorrem estrias escuras longitudinais finas como linhas.
- Marginato - quando o bordo do labelo apresenta uma linha de tonalidade bem mais clara que o seu colorido, como se fosse um fino bordado que o destacasse.



Figura 6: *Cattleya labiata* ‘Kátia’ um exemplo de rubra marginada.

- Oculato - pode-se descrever quando ocorre mancha esbranquiçada nos lobos laterais, na entrada da garganta, lembrando olhos.
- Orlato - apesar de já estar descrito na flor “*Tipo Orlato*”, nas demais variedades pode-se descrevê-lo quando a mancha do lobo frontal sobre pelas laterais até a parte superior do labelo.

Dois exemplos de como classificar uma *Cattleya labiata*

A classificação que passaremos a apresentar não é objetivamente utilizada nos julgamentos, muito embora seja sofrível o que encontramos nas exposições.

Uma correta classificação é o mínimo que se pede de um juiz. Particularmente, quando vou á uma exposição na época das labiatas, tenho me deparado com muitos erros principalmente no tocante ás características cromáticas, por exemplo, semi albas se confundindo com pérolas rubras, rubras com lilás escuro e vai daí por fora.

Vamos á algumas exemplificações de como se classificar corretamente uma *Cattleya labiata*. Mas antes é necessário que nos atentemos para alguns aspectos da anatomia da flor:

Cattleya labiata alba, ‘Angerer’, Self:

Forma:



Figura 7: *Cattleya labiata* ‘Alba Lo Ré’, Clone selecionado da autofecundação da *C. labiata* ‘Angerer’.

Flor de harmonia graciosa, muito interessante de se ver. No conjunto mostra-se circular e agradável.

Sua sépala dorsal e retilínea, sem envergadura da extremidade. A base é alargada sendo que em conjunto com as pétalas não se nota ao fundo.

As sépalas inferiores são boas, alargadas e com as pontas levemente encurvadas para trás. O conjunto das sépalas forma um triângulo equilátero o que é muito apreciado.

As pétalas são maravilhosas, muito bem formadas, extremidade pouco afinada. Apresenta as margens bem franjadas e a nervura central bem aparente e retilínea. Seus quadrantes internos não se tocam, mas não permitem que se visualize ao fundo.

O cone do labelo é grosso, encurvado para baixo e curto, exatamente como se deve ser.

O conjunto dos lobos, ao qual denominamos de labelo e perfeitamente circular. Apresenta ainda um maravilhoso franjado e o característico corte na comissura inferior do lobo central.

Por fim, os lobos superiores encobrem delicadamente as coluna.

Cor: Flor de matiz único e muito bem uniforme. Suas peças florais são completamente alvas com exceção da garganta, donde provém delicado amarelo citrino riscado por veias ouro velho, atingindo em tons degradê até o sopé dos lobos laterais. Curiosamente a fauce se mantém íntegra na proposta inicial, ou seja, alba.

Como se chega ao nome final :

Cattleya: nome do gênero em maiúsculo e itálico.

labiata : nome da espécie em minúsculo e itálico.

Alba : cor predominante que neste caso somente a garganta não aderiu, fato este que não a desclassifica como alba.

‘Angerer’ : homenagem conferida á uma pessoa, por isso maiúscula e entre aspas simples.

Cattleya labiata tipo ‘Emília’.

Forma: Fonte de inspiração quando nosso pensamento vai de encontro ao aspecto mais perfeito da flor.

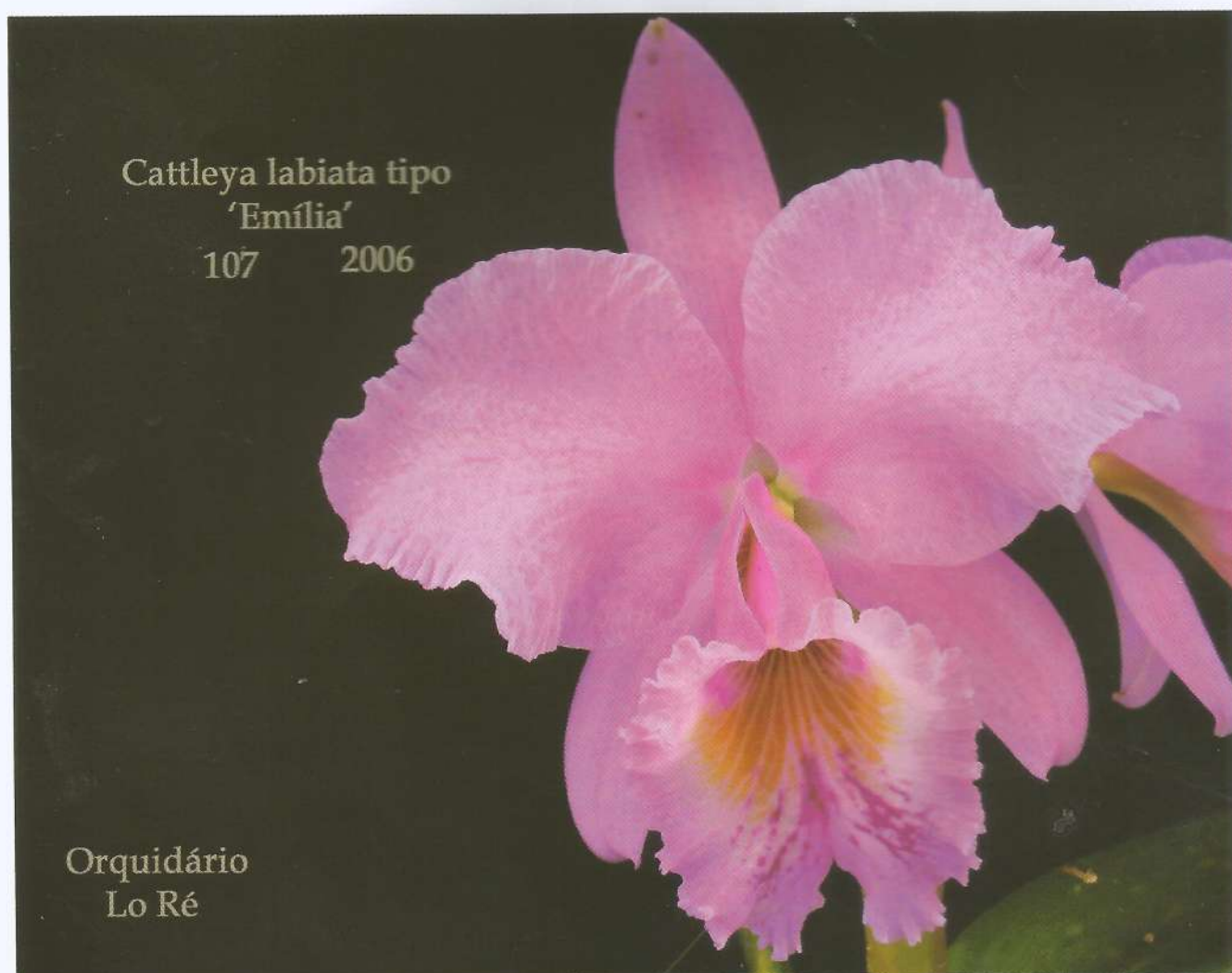


Figura 8: *Cattleya labiata* ‘Emília’

Completamente harmoniosa, mostra toda graça da *Cattleya labiata* em toda sua perfeição. Sépala dorsal perfeitamente ativa e larga. Nenhuma inclinação é percebida. Sua base é alargada o suficiente para não permitir se ver ao fundo. As demais sépalas são retas, alargadas com alguma curvatura posterior. Entre todas se faz um bonito triângulo equilátero.

As pétalas são exuberantes, mostrando a força dessa planta. Seus quadrantes internos se tocam suavemente sobre a pétala dorsal, encobrindo totalmente a visão ao fundo. As bordas são franjadas e a nervura central pouco se salienta, mas ambas se mostram muito bem simétricas. O cone do labelo é curto, bem grosso e encurvado, portanto perfeito.

O conjunto de lobos, denominado de labelo, é perfeitamente arredondado, muito bem franjado e apresentando o gracioso rasgo na comissura inferior do lobo central.

Ambos lobos superiores afastam-se entre si deixando a coluna parcialmente exposta. Talvez aqui, exista seu único pecado.

Cor: Flor de matiz róseo claro muito bem uniforme, distribuído ao longo de todos os segmentos florais com única exceção nos lobos inferiores e central, onde da lugar á um fino e delicado estriado de púrpura.

Curiosamente os lobos superiores em sua face interna, apresentam máculas do mesmo matiz da flor.

As estrias púrpuras se concentram na fauce, donde se projetam duas veias em direção á garganta.

Do interior do cone, sob a coluna, desce um amarelo ouro, entremeado á veias pardacentas, em direção á garganta, curvando-se como um rio em sua descida, desaguando nos sopés dos lobos laterais.

Como se classifica esta flor:

Cattleya: Nome do gênero em maiúsculo e itálico.

labiata: Nome da espécie em minúsculo e itálico.

Emília : Nome do clone ou cultivar é no caso uma homenagem á pessoa. Deve ser no maiúsculo e entre aspas simples.

Púrpuro estriado: refere-se á configuração do labelo por isso vem em minúsculo e masculino.

Púrpuro pois as estrias são dessa cor.

O mais correto é escrever tudo em latim ou tudo em português.

Portanto fica:

Cattleya labiata tipo 'Emília', púrpuro estriado.

Bibliografia:

RAPOZO, Pe. José Gonzáles, C.M.F. A etimologia á serviço dos orquidófilos. São Paulo: Ed. Ave Maria Ltda, [1985].

RAPOZO, Pe. José Gonzáles, C.M.F. Dicionário etimológico das orquídeas do Brasil. São Paulo: Ed. Ave Maria Ltda, [1999].

RAPOZO, Pe. José Gonzáles, C.M.F. Questões práticas de nomenclatura de Orquidáceas. São Paulo: Ed. Ave Maria Ltda, [1993].

MENEZES, L.C. *Cattleya labiata* Autumnalis. Brasília: ed. IBAMA, 2002.

FONTES, João Paulo de Sousa. A Rainha do Nordeste Brasileiro. Rio de Janeiro: ed. Europa, 1989.